



A cada formando, uma estratégia de formação? A experiência dos serviços de formação da Biblioteca do Iscte na inclusão de estudantes guineenses

Ana Inácio^a

^aIscte – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, ana.inacio@iscte-iul.pt

Resumo

Na sequência de uma proposta de ação de formação sobre boas práticas na elaboração de trabalhos científicos, a Biblioteca do Iscte integrou uma parceria, gerida pelo Laboratório de Competências Transversais, para aplicar conteúdos de formação nessa mesma temática a estudantes estrangeiros. Percebeu, contudo, que os destinatários tinham especificidades que mereciam o desenvolvimento de um trabalho dirigido, dado tratar-se de um conjunto de estudantes oriundos da Guiné-Bissau, a frequentar o 2.º ciclo, com dificuldades de compreensão da língua portuguesa e herdeiros de um sistema de ensino desestruturado devido à Guerra. De forma a dar a melhor resposta às suas necessidades práticas na elaboração de trabalhos académicos, foi definido um plano de formação constituído por três módulos com o objetivo de responder às questões *Como começar?*, *Como fazer?* e *Como apresentar?* A formação foi dada em formato de oficina, ministrada por duas formadoras, tendo sido contruídos materiais de apoio que incluíram fichas de sistematização de conteúdos e exercícios práticos feitos em contexto de sala, com acompanhamento. A apresentação deste trabalho pretende expor as estratégias utilizadas como resultado da preocupação existente na inclusão destes estudantes e, sobretudo, refletir sobre as *lições aprendidas*, desmistificando, em simultâneo, alguns preconceitos.

Palavras-chave: Bibliotecas de Ensino Superior, Serviços de formação, Estratégias de inclusão, Estudantes de Países de Língua Oficial Portuguesa

Introdução

Este Short paper tem como objetivo apresentar o trabalho realizado pelos serviços de formação da Biblioteca do Iscte de organização e implementação de um plano de formação sobre a temática de elaboração de trabalhos académicos para estudantes de 2.º ciclo, naturais da Guiné-Bissau.

Este trabalho resultou de uma parceria com o Laboratório de Competências Transversais, que acolheu estes estudantes e auscultou-os relativamente às necessidades de integração no sistema educativo universitário português.

Apesar da Biblioteca ter uma proposta de ação de formação neste tema – aliás conhecida dos colegas do Laboratório e que esteve na base do convite de parceria – rapidamente se percebeu que não era adequada a estes destinatários, por três motivos essenciais: a) pelas dificuldades de compreensão da língua

portuguesa pois, apesar desta ser a língua oficial na Guiné-Bissau, é falada atualmente por uma percentagem diminuta da população, sendo o crioulo a língua franca de 60% dos guineenses; b) pelas características do sistema educativo do país de origem desestruturado pelos efeitos negativos das guerras (guerra da independência e guerra civil); e c) pela tradição mais francófona do que anglófona, fruto da influência francesa naquela área geográfica da África Ocidental, em particular nos países vizinhos a norte e a sul, o Senegal e a República da Guiné, respetivamente e que causa grandes desafios à compreensão do inglês.

O projeto foi assumido por duas formadoras experientes, mas sem contacto anterior – em ambiente de formação – com estudantes africanos. Contudo, porque as mesmas faziam igualmente parte da equipa de atendimento da Biblioteca, e não encontrando – quer na literatura científica quer em outras bibliotecas de ensino superior – reporte de casos similares, decidiram basear a sua ação na relação que foram estabelecendo naquele contexto, ainda que de modo pontual, com estes estudantes e, sobretudo, confiar na sua sensibilidade e capacidade de compreensão para a diferença ou, mais corretamente, para a particularidade de públicos.

Desenvolvimento

Foi, assim, contruído um plano de raiz, com características próprias. Em primeiro lugar, optou-se pela aplicação da modalidade de oficina, por nos parecer aquela que poderia corresponder com mais eficácia às necessidades práticas e diretas dos formandos. Este formato permitiu centrar a atenção, nem sempre possível pelas razões identificadas acima, na resolução dos problemas com que os estudantes estavam, em cada momento, a confrontar-se.

No que se refere à duração da ação, foi tida em consideração, igualmente, as nítidas dificuldades de organização de tempo da audiência, bem como a circunstância de alguns dos participantes serem trabalhadores-estudantes. Em consequência, a oficina foi constituída por três módulos, de duas horas cada, com o objetivo de responder às questões relevantes da elaboração de trabalhos: Como começar? Como fazer? e Como apresentar?

Em todos os módulos foram abordados aspetos práticos, também em forma de pergunta. No primeiro, as questões tratadas reportaram à escolha do tema de trabalho, à organização de tempo e espaço (físico e mental, este último abordado sem quaisquer tabus), à identificação precisa das necessidades de informação e à tarefa de saber onde e como encontrar essa informação. O segundo módulo, dedicado ao processo de elaboração de trabalhos propriamente dito, incluiu questões sobre como ler eficazmente e tirar notas reutilizáveis, como argumentar um ponto de vista ou como utilizar citações e elaborar uma bibliografia; nesta sessão abordou-se ainda o plágio e os cuidados essenciais a ter na redação, em contexto universitário português. O último módulo, focou-se na estrutura do texto científico e no conhecimento e aplicação das normas de apresentação de trabalhos do Iscte, referindo-se ainda a relevância dos elementos gráficos, sobretudo, em algumas áreas de conhecimento.

Em todos os conteúdos, fez-se um esforço de eliminação de tudo o que se considerava supérfluo à boa compreensão, mantendo apenas o essencial, simplificando-se a forma de expressão oral e/ou escrita e utilizando, sempre que possível, elementos visuais que pudessem contribuir para a facilitação do entendimento do português. Saliente-se, contudo, que não foi pensado (e não se verificou ser necessário), simplificar conteúdos complexos, pois foi evidente – desde o primeiro momento – que as especificidades que estes estudantes denotavam não se prendiam com compreensão intelectual, uma acentuada contradição com aquilo que parecer ser uma ideia comum na sociedade portuguesa, transposta para o

mundo académico, no que se refere a estudantes universitários de origem africana.

Os materiais escritos foram elaborados, não enquanto ponto de partida, mas numa perspetiva de complemento às sessões práticas e de debate.

Neste sentido, foram contruídas fichas de sistematização de conteúdo (três fichas para acompanhamento ao módulo 1, cinco no que se refere ao módulo 2 e quatro para o terceiro módulo) e anexados exemplos práticos.

Por outro lado, foram também elaborados tutoriais breves, como foi o caso do tutorial relativo à localização de um livro em estante, aplicado pelos estudantes em contexto de visita à Biblioteca.

Finalmente, ainda no que a materiais escritos diz respeito, foram elaborados exercícios práticos resolvidos em sala e um pequeno diagnóstico de avaliação de aprendizagens respondido no início e no final do curso. Os resultados deste instrumento permitiram perceber, não só o nível de aquisição de conhecimento aplicado à realidade, mas também que as questões que mais facilmente foram apreendidas corresponderam àquelas em que o conteúdo melhor se adequava à aplicação de estratégias de ensino/aprendizagem práticas.

Conclusão

As lições aprendidas com esta experiência foram diversas, significativas e muito gratificantes.

A perceção inicial da necessidade de definir conteúdos e estratégias adequadas a este grupo de estudantes foi confirmada, desde o primeiro momento de contacto com os estudantes guineenses e, o decurso da formação exigiu da equipa, de uma forma crescente, uma postura flexível, mas sobretudo de escuta ativa permanente. Esta atenção foi, por exemplo, essencial para compreender a expressão oral dos formandos, e que a mesma não constituísse uma barreira na relação formador-formando. Foi igualmente necessário usar algumas estratégias simples de quebra-gelo, logo no primeiro momento de apresentação e diagnóstico.

No entanto, cremos que o maior fator de sucesso foi a eliminação de quaisquer ideias pré-concebidas sobre o perfil do formando e, simultaneamente, que a relação tenha sido encarada numa perspetiva *win-win*, desde o início.

Em rigor, dir-se-ia que esta experiência em nada se distinguiu daquelas que devem ser as boas práticas em qualquer formação: adequar o plano, conteúdos e estratégias incluídos, aos destinatários; manter uma atitude de extrema atenção às necessidades do formando; e constituir uma verdadeira parceria com proveitos de ensino/aprendizagem para ambas as partes, sem inserir na equação ideias concebidas previamente.

O desafio acrescido residiu, assim, em oferecer a estudantes com as particularidades relacionadas às línguas de ensino (português) e de ciência (inglês) e às diferenças do sistema de ensino não europeu e conturbado pela guerra, uma ação de formação que correspondesse às suas necessidades práticas, ou seja, que fosse efetivamente útil e prescindisse de enquadramentos teóricos complexos e que, simultaneamente, não cedesse minimamente nos padrões de qualidade e na exigência solicitada.

A principal dificuldade, em termos de serviço, prendeu-se com o tempo de trabalho de preparação e acompanhamento que este projeto requereu, face à escassez no número de recursos humanos especializados e, neste caso, igualmente sensibilizados para as especificidades de destinatários com origem em realidades geográficas e culturais diferentes. Este é, aliás, o obstáculo principal à replicação

da experiência, que cremos comum a muitas outras Bibliotecas de Ensino Superior, mas que não deve – nem pode – fazer esquecer o seu papel social, expresso no trabalho de integração de populações em risco de exclusão em contexto educativo, do qual o projeto apresentado é apenas um pequeno exemplo.

Referências bibliográficas

Garrido, M. V., & Prada, M. (Eds.). (2016). *Manual de competências académicas*. Sílabo

Lopes, C., Sanches, T., Andrade, I., Antunes, M. da L., & Alonso-Arévalo, J. (2016). *Literacia da informação em contexto universitário*. Edições ISPA. <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5067/3/Literacia.pdf>

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. (2020, setembro). *Escrita científica: comunicar com eficiência* [Guia online]. Guias da Biblioteca. <https://biblisubject.iscte-iul.pt/sp4/subjects/guide.php?subject=escritacientifica>

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. (2018). *Integridade académica e plágio* [Curso online]. Online Learning. <https://online-learning.iscte-iul.pt/courses/integridade-academica-e-plagio-pt>

Martínez Rodríguez, L. J. (2016). *Como buscar y usar información científica: guía para estudiantes universitarios 2016*. Universidad de Cantabria. http://eprints.rclis.org/29934/7/Como_buscar_usar_informacion_2016.pdf

A cada formando, uma estratégia de formação? A experiência dos serviços de formação da Biblioteca do Iscte na inclusão de estudantes guineenses